

I

Acordei no hospital. Tentei levantar a cabeça, o tronco. Deixei-me cair. Semanas depois, disseram-me que fora encontrado na berma da auto-estrada. Naquele momento, tudo o que via era a correia que me prendia à cama. Olhei em volta. Reconhecia o lugar, mas não sabia situá-lo. Reparei que tinha um cateter no braço. O tubo prolongava-se até a uma garrafa de soro. Um monitor registava os batimentos do coração. Tinha sensores no peito. Fixei o tecto. Parecia mover-se na minha direcção. Eu poderia tocar-lhe, se estendesse a mão. Forcei os braços sem conseguir soltá-los. Mas também as paredes se aproximavam. Contraíam-se como o interior de uma embalagem que se esvaziasse. Experimentei o resto do corpo. Podia mexer as pernas, mas não o tronco e os braços. Levantei os pés, erguendo o lençol. Baixei-os. Havia outra cama entre mim e a janela. Não tinha ninguém. Lá fora, começava a anoitecer. Ou amanhecia, não tinha como o confirmar. Procurei a porta.

Dormi durante dias. Quando despertava, tentava escapar-me dali. Arrancava as agulhas, insultava os médicos. Cuspia o que me punham na boca. Recusava-me a ver, a ouvir. Mas eles infiltravam-se sob as minhas pálpebras e por dentro dos ouvidos. Forçavam a entrada, instalavam-se nos olhos. Eu cerrava-os mais, mas continuava a vê-los. Vultos. Sentia-os tocarem-me através das luvas. Revolviam-me os órgãos. Retiravam-nos, repunham-nos.

Evitavam tocar-me como se evita tocar nas entranhas de um animal. Eu era um animal, se o poderia ser, sabendo-me animal.

Uma manhã, aproximou-se uma mulher. Senti-a debruçar-se e quis perguntar-lhe que intimidade a autorizaria a pegar-me na mão, a afastar-me o cabelo e a esperar que lhe respondesse. Não respondi. Reconhecia as palavras, mas não o seu sentido. Vi-a inclinar-se mais, afastar o lençol, destapar-me. Não lhe perguntei porque é que ali estava. O que pretendia de mim. O que deveria eu fazer para a satisfazer. Submeter-me, provocá-la. Ela satisfazia-se a si própria. O resto era dor. Ocupava a carne e alimentava-se dela. A alternativa, não demorei a descobrir, eram os medicamentos. Limitavam a dor, mas não repunham o corpo.

Eu nunca adivinhava quando é que a enfermeira regressaria. Não sabia se existia um horário ou se as idas e vindas resultavam do acaso. Não sabia se havia uma ou várias enfermeiras. Talvez fosse a mesma, mas várias mulheres a cumprir o papel. Todas eram a mesma. O mesmo uniforme, o mesmo peito. Atravessavam o quarto e chamavam-me. Eu não precisava de compreender. Bastava-lhes que obedecesse. Conduziam-me os alimentos à boca, aguardavam que eu engolissem. Eu não chegava a ver o que comia. Fixava-lhes o peito e mastigava. Descobria-lhes os mamilos por detrás do tecido. Ofereciam-mos, colher após colher. Eu cravava-lhes os dentes para impedir que se afastassem. Nenhuma protestava. Era uma forma de caridade. Por vezes insistiam em que eu pegasse na colher e a levasse à boca. Desapertavam as correias. Eu não me mexia. Se levantasse a mão, seria para lhes desabotoar a blusa e mergulhar o rosto no seu peito. Temia, no entanto, que não regressassem. Aceitaria o que me dessem. Suportaria a fome e a sede, sobreviveria das gotas que lhes humedeciam os mamilos. Sorvia-as, deixando-as sobre a língua enquanto as sentia solidificar. Mastigava-as, mas o leite transformava-se numa massa com consistência de borracha. Empurrava-a com a língua. As mulheres zangavam-se. Falavam-me sem paciência, como se fala às crianças ou aos idiotas. Temiam que as rejeitasse. Ofereciam-me o peito, ofendiam-se se o recusasse. Eu forçava-me a engolir, con-

tendo o vômito. Quando terminava, a pasta revolvia-se no estômago, à procura de sair. Eu temia a sua reacção. Talvez, se me vissem vomitar, da próxima vez me recusassem o peito. Poderiam elas próprias sofrer uma punição. Era o trabalho delas, seriam pagas por isso. Haveria alguém que pesava o que produziam. A quantidade de leite ou de piedade. Eu não as denunciaria.

Começava a compreender a minha situação. A doença comportava obrigações. Eu não poderia questionar a autoridade dos médicos. Não poderia fitar as enfermeiras nos olhos. Devia evitar-lhes o corpo. O peito, as pernas. Devia permitir que me tocassem, mas não devolver-lhes os gestos. E deveria aceitar ser quem era, um doente. Um homem. Talvez não existisse distinção. Uma ameaça, em ambos os casos. Via como se desviavam e entrepunham barreiras entre o meu corpo e o delas. Luvas, batas, reserva.

A febre persistia, mas eu não duvidava da minha lucidez. Sabia o que não via. Distinguia quais as imagens que se formavam no interior dos olhos e quais as que se situavam no exterior. Via ambas. Era isso a lucidez. A capacidade de fechar os olhos e continuar a ver. A febre não era um sintoma, era um estado. A lucidez consistia em reconhecê-lo.

Demorei a aperceber-me que falavam francês. Ouvia sons, mas não os identificava. Uma manhã, comecei a ouvir em francês. A pensar em francês, ao fim de uns dias. Fingia ignorá-lo, mas agora entendia o que diziam médicos e enfermeiras. Desconfiavam da minha identidade. Suspeitavam do corpo e do nome. Assemelhavam-se na forma, mas não se adequavam. Os médicos esforçavam-se por os ajustar, contraíam um, distendiam o outro. Falhavam sempre. As enfermeiras tinham mais paciência. Fui aprendendo a conhecê-las. Só esperavam de mim um sinal de submissão. Reparei que me tinham desprendido os braços, conseguia tocar com uma mão na outra. Começavam a confiar em mim. Eu esperava que saíssem e levantava as mãos à altura dos olhos. Reconhecia-as, embora sentisse que não me pertenciam. Faltavam o anelar e o mindinho. No médio, a unha fora substituída por um nó de pele que

aparentava couro. Nas costas da mão, as cicatrizes não conseguiam organizar a massa de ossos e a rigidez de músculos e tendões. Erguia as mãos, colocava-as lado a lado. Distinguia-as, mas não saberia dizer qual era qual. Juntava-as, dedos com dedos, abria-as. Não havia nada no interior.

Paravam à beira da cama e perguntavam-me se eu me lembrava do meu nome. Insistiam, avançavam um, repetiam-no enquanto se debruçavam. Eu já o ouvira antes, mas ignorava a quem pertencia. Elas pareciam não ter dúvidas. Sabiam quem eu era. Talvez os papéis que traziam numa capa de plástico lho garantissem. Nunca mos mostravam. Indicariam o nome e a doença. Não desisti da minha perplexidade. Perguntava-me que nome poderia substituir aquele que me atribuía.

«Eu.»

A palavra parecia-me cumprir a função, em português ou em francês.

«*Je.*»

Ensaiei-o para o dizer quando alguém se aproximasse.

«*Je.*»

Era o meu nome. A enfermeira regressou com um médico. Ouvimos falar, mas já não conseguia reconhecer a língua. Não seria francês. O médico pegou-me na mão, tocou-me nos lábios, à espera de que eu repetisse a palavra. Insistiu. Começava a zangar-se. Eu não precisava de compreender o que diziam, era uma acusação sem apelo. Uma condenação, descobri depois. Passaram a tratar-me com frieza. Eu desiludira-os. As enfermeiras afastavam-se e recusavam-me o peito. Insistiam que eu falasse. Apontavam-me a boca e examinavam-me à procura dos sinais de uma conversão. Seria meu dever acreditar. Chamavam-me senhor e acrescentavam um nome. Repetiam-no. O uso acabaria por se impor. Com o tempo e como com os cães, eu haveria de o associar à minha existência, reagir a ele, salivar ao seu som. Diziam o que eu supunha fossem os seus nomes, os das coisas, cama, lençol, comida, e perguntavam-me como se designavam em português.

«*Le lit.*»

Não esperariam muito de mim. Um som, duas ou três sílabas, um simulacro de linguagem. Algo que certificasse a minha capitulação. Eu saberia satisfazê-las, mas não disse nada. Compreendia que cada coisa era uma coisa. As palavras, elas mesmas, eram coisas. Em português ou em francês, não importava a língua. Prescindiria de ambas, das palavras e das coisas. Usava os talheres que vinham com o tabuleiro, mas teria comido com as mãos se eles faltassem. Quanto às enfermeiras, distinguia-as pelo movimento dos lábios. Pelo espaço que o seu corpo ocupava. O volume dos braços, o peso do peito, a largura das nádegas. Também isso prescindiria de um nome.

Todos, médicos, enfermeiras e auxiliares que mudavam os lençóis, sabiam algo que eu desconhecia. Estaria nos documentos que me escondiam. Sabiam quem eu era e sabiam que eu não suportaria sabê-lo. Não era o meu nome que estava em causa, era a minha função. Murmuravam entre eles. Avaliavam-me, lamentavam-me. Tinham instrumentos, saberiam usá-los. Eu ignorava o que acontecia nos outros quartos. Ouvia vozes, protestos, gritos que me acordavam durante a noite e que se repetiam ao longo do dia. O ruído de passos no corredor, rodas de borracha, máquinas, metal que embatia contra as paredes. Uma violência à qual pareciam poupar-me. Talvez ainda não fosse o momento ou não tivessem necessidade de o fazer. Eu não opunha resistência. Mesmo a minha recusa em falar poderia corresponder ao que esperavam de mim. Testavam a minha determinação. A uns caberia a fala, a outros, o silêncio. Não hesitariam quanto ao castigo.

Faltava-me saber como se efectuava a distinção. Quem escolheria aqueles com direito à fala. Qual o critério. Perturbava-me a segurança com que todos se permitiam falar. Não conheciam interditos. Seria um direito de casta, ocorria-me, ou o resultado de um processo de avaliação. Premiariam os melhores, aqueles que dominassem a intensidade do som, os que ponderassem as pausas e gerissem o silêncio. Saber calar-se era parte da fala. Eu

via como as enfermeiras se inclinavam sobre o meu rosto e entreabriam os lábios. Adivinhava-lhes os dentes, a língua. Provocavam-me, à espera de que eu me erguesse e lhes procurasse a boca. Que colasse os meus lábios aos delas para lhes sorver as palavras. Misturavam-nas na saliva e escondiam-nas por baixo da língua. Faziam-se desejar. Eu aprendera a controlar-me. Retinha a respiração até que se afastassem. Temia o contágio, se cedesse ao desejo.

Eles compreendiam o que me afectava. Já só me enviavam mulheres. Os enfermeiros, que no início ainda acompanhavam os médicos, tinham deixado de entrar no quarto. Ouvia-os no corredor, mas nunca os via. Quanto às mulheres, só vinham as que me perturbavam. Uma, que me dava as injeções, com um relógio no bolso da bata e uma cicatriz nos lábios. Outra, que fazia limpezas, com um peito que saltava da blusa quando se inclinava para o chão. Uma outra, à noite, que eu sentia antes de ver entrar. Tossia, ainda no exterior, para aclarar a voz. Nunca me falava, mas eu reconhecia-a quando a ouvia no corredor. Não tinha pudor. Despiam-se em cada palavra, humedecendo os lábios. Ouvia-lhe a respiração, sentia-lhe o cheiro, éter e transpiração. Retirava-se. Ainda não chegara a minha vez.

Sabiam o que faziam, não improvisavam nem saltavam etapas. Ponderavam os procedimentos, só a usariam se as outras falhassem. Tentariam obrigar-me pela dor. Substituíam os medicamentos por placebos. Enchiam-me de injeções, mas a dor permanecia. Faziam-me sofrer. Seria um teste de resistência. Desconhecia se as enfermeiras constituiriam um prémio ou outra etapa da punição. Se, no momento em que a enfermeira da noite retirasse a roupa ou pronunciasse uma palavra, tal corresponderia a uma sentença ou a um ritual de passagem, que me garantiria o direito à fala e à carne das fêmeas.

Ocorria-me que talvez a tosse não fosse uma tentativa de aclarar a garganta, mas a forma de linguagem que cabia ao horário da noite. Seria essa a sua responsabilidade, percorrer no escuro os corredores do hospital. Prescindiria de palavras e de gramática.